

Intertextualidade entre a obra *De olhos fechados*, de Maria de Lourdes Abreu de Oliveira e a tragédia grega *Rei Édipo*, de Sófocles

Mestre Leila Rose Márie Batista da Silveira Maciel¹ (CES/JF)

RESUMO: Este trabalho tem, como objetivo, mostrar os jogos intertextuais existentes entre a obra *De olhos fechados*, da escritora juizforana Maria de Lourdes Abreu de Oliveira e a tragédia grega *Rei Édipo*, de Sófocles. O narrador teve, como fio condutor de sua obra, a vocação edípica do abandono da criança que, no caso, está representada pela personagem Pedro Fogueira, abandonado pela mãe na porta de uma igreja.

Palavras-chave: Intertextualidade; *De olhos fechados*; *Rei Édipo*; abandono da criança.

Introdução

Na novela *De olhos fechados*¹, a personagem Pedro Fogueira encarna o próprio Édipo, da tragédia grega, *Rei Édipo*², de Sófocles. Abandonado pela mãe na porta de uma igreja, criado nas ruas, sem carinho de sua progenitora e sem família, torna-se um menino de rua sem perspectivas e sem destino, porém o mundo moderno o convida para as delícias do consumismo e ele quer, como os outros jovens, vestir uma calça jeans, usar um tênis de marca, um relógio e outros bens materiais que os grandes empresários o obrigam a desejar; os gostos e comportamentos são impostos pelos meios de comunicação: a sociedade está alienada.

Maria de Lourdes cria um Édipo que remete à realidade social brasileira, injusta e capitalista. A Revolução Industrial dividiu a população em duas grandes classes: a burguesia e o proletariado, o capital fica concentrado nas mãos dos empresários que necessitam de um mercado consumidor para dar vazão aos produtos que são fabricados em série e em grande quantidade, e como houve também um avanço na telecomunicação, a mídia se encarrega de estimular o consumo, as pessoas deixam de ser elas mesmas para obedecerem a um padrão imposto pelo mundo moderno, e é neste mundo que vive Pedro Fogueira, jovem e tentado a possuir, ele é capaz até de matar para realizar seu desejo, sem nenhum sentimento de culpa:

[...] Pedro Fogueira aponta o revólver.

– Passa tudo, blusão, tênis, relógio, tudo. Anda seu filho da puta, se não te passo fogo! (*DOF*, p. 13).

As personagens da novela em estudo vivem num ambiente onde o terror e o medo convivem lado a lado com a violência e o amor, o erótico é explorado por meio da aparência de cada um, causando um grande mal-estar social, nem todos possuem poder aquisitivo para adquirir os bens de consumo para se tornarem sensuais. Não há mais tranquilidade, a qualquer momento o indivíduo pode ser assaltado e, até mesmo, assassinado sem motivo, simplesmente porque o outro quer também possuir aquilo que não pode comprar.

Após vários delitos, Pedro Fogueira passou a morar na Fundação Educacional do Bem-Estar do Menor (FEBEM), lugar em que os jovens deveriam ser orientados para terem uma profis-

¹ A partir daqui, será utilizada a sigla *DOF* para a obra *De olhos fechados*, de Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, para a edição publicada pela editora Mercado Aberto, de Porto Alegre, em 1987.

² A partir daqui, será utilizada a sigla *RE* para a obra *Rei Édipo*, de Sófocles, para a edição publicada pela editora Tecnoprint, do Rio de Janeiro, [s. d.].

são e se formarem cidadãos, porém isso não acontece; até neste sentido o destino é cruel para a criança abandonada, pois nesse local não há calor humano nem respeito pelo outro. Os jovens abrigados nessas instituições recebem maus tratos: “– Moleza!? Era a maior disciplina, a maior dureza. Fila pra isso, fila praquilo. Horário pra tudo. Não fez isso, ferro! Não fez aquilo, ferro! Todo mundo pisando na gente. Troço de nazista mesmo” (DOF, p. 28). E, ainda: “[...] na verdade, o chefe dá sopapo quando é preciso, porém, como ele costuma dizer, apanha de meia, e assim vai (DOF, p. 33).

Maria de Lourdes faz essa denúncia pelo fato de querer, como nos afirmou, mostrar que todas as crianças devem ter os direitos básicos que deveriam ser os prioritários do governo: direito de se educar, de se alimentar, e, até mesmo de ser amada fora do seio familiar. Os dirigentes das instituições que acolhem os menores que não têm onde morar, deveriam seguir o modelo cristão, que tem como base o mandamento **Amar ao próximo como a si mesmo** e não o modelo nazista que não respeita o homem na sua integridade.

Ao assaltar Fernando Antônio, Nando, jovem estudante que oferece resistência, Pedro acaba assassinando-o e leva como prêmio um relógio e um tênis. O relógio, é necessário escondê-lo, pois não pode exibi-lo publicamente, e o tênis, ele o atira no rio. A mãe do rapaz, Flora, desesperada, procura, incansavelmente, o assassino do filho e aceita um convite para fazer trabalhos num jardim junto com jovens da FEBEM, com o intuito de descobrir quem é o assassino de seu unigênito. Nesse local, ela conhece Pedro Fogueira, dedicando-lhe carinho e compaixão, pelo fato de a mãe o ter abandonado. A citação, a seguir, mostra a decepção do jovem adolescente por não conhecer a mãe, por não ter registrado, em sua memória, a imagem de sua progenitora. Neste momento, ele revela a Flora ter sido rejeitado:

- Só tem uma imagem que eu não consigo ver, a de minha mãe. Às vezes eu acordo de noite e tento, tento. Não adianta. Ela não tem rosto. [...]
- Não. Dela eu não lembro rosto, nem nada. Não consigo nem delinear uma imagem, uma forma, nada. E mesmo nem poderia... Sabia que eu fui deixado na porta da igreja? (DOF, p. 25).

Pedro Fogueira sente desejo de saber quem é sua mãe, e sua vida gira em torno dessa procura, como vemos a seguir: “Eu quero é saber de onde eu vim. Eu preciso descobrir minha mãe. Então a gente pode passar a vida como filho de chocadeira”? (DOF, p. 26).

Jogos intertextuais: *De olhos fechados* X *Rei Édipo*

O intertexto da novela *De olhos fechados* se faz exatamente na articulação da vocação edipiana do abandono da criança, pois na tragédia grega, *Rei Édipo*, de Sófocles, a personagem, Édipo, também fora rejeitado pelos pais. Vemos o abandono do filho na fala de Jocasta, sua mãe: “Quanto ao filho que tivemos, muitos anos antes, Laio amarrou-lhe as articulações dos pés, e ordenou que mãos estranhas o precipitassem numa montanha inacessível” (RE, p. 108). O próprio Édipo revela ter sido um filho enjeitado na seguinte fala: “Um homem, durante um festim, bebeu em demasia, e, em estado de embriaguez, pôs-se a insultar-me, dizendo que eu era um filho enjeitado” (RE, p. 111).

Na novela *De olhos fechados*, o desejo de Flora de saber quem é o assassino de seu filho é tão grande, que ela abandona tudo o que fazia antes do crime para dedicar-se somente à pesquisa, todavia, para essa personagem, a verdade é ameaçadora, talvez seja por isso que ela permanece **de**

olhos fechados, para não enxergar o assassino, pelo fato de ele constituir também o objeto de seu desejo, o amor de sua vida:

Encontraria o assassino? Seja como for, Flora estava segura de que o encontro não seria casual, andava pela cidade para encontrá-lo, buscando em cada rosto que se voltava para encará-la, em cada estranho com quem se acotovelava no labirinto de galerias, ruas, becos por onde se deixava caminhar horas e horas, sem destino certo, logo nos primeiros tempos [...] (DOF, p. 17).

Também na tragédia grega, Édipo mostra grande desejo de saber quem é o assassino de Lai-o, revelando ao povo que não medirá esforços para encontrá-lo. Essa personagem, também como Flora, está **de olhos fechados** com relação à morte de seu pai e pergunta: “Mas onde se encontra ele? Como descobrir o culpado de um crime tão antigo?” (RE, p. 81).

Está bem; havemos de voltar à origem desse crime, e pô-lo em evidência. [...] E não será por um estranho, mas no meu interesse que resolvo punir esse crime; quem quer que haja sido o assassino do rei Laio, bem pode querer, por igual forma, ferir-me com a mesma audácia. Auxiliando-vos, portanto, eu sirvo a minha própria causa (RE, p. 83).

À medida que os dias vão passando, crescem os laços de amizade entre o rapaz e Flora, Pedro, então, resolve confiar-se a ela: mostra-lhe seus trabalhos de arte, feitos de barro, que ficavam escondidos atrás de um barranco. Mas havia uma condição: Flora deveria permanecer com **os olhos fechados** até chegar ao local; ele havia esculpido um presépio e, na escultura de Nossa Senhora, ele gravara o rosto dela. O diálogo citado abaixo mostra a condição imposta por Pedro, porque a confecção dos trabalhos artesanais constituía um segredo em sua vida:

- Aliás, não precisa lenço, não. Basta fechar os olhos.
- Fechar os olhos?
- É.
- Você confia?
- Claro. Se não confiasse não lhe mostraria meu segredo.
- Quer dizer que a condição é eu estar de olhos fechados...
- De olhos fechados no caminho. Só pode abrir quando chegar lá, no fim da linha (DOF, 30-31).

Este texto, além de remeter ao título do livro, *De olhos fechados*, confirma as seguintes palavras de Maria de Lourdes: “um mito de Édipo às avessas”, o diálogo demonstra que quem não quer enxergar o assassino do filho é Flora, pois permanece **de olhos fechados**, mesmo depois de ter tido várias pistas sobre a morte de Nando. Somente ela não quer enxergar o assassino que se encontra tão próximo, da mesma forma que o mito de Édipo no qual, quem não quer enxergar o assassino do pai é o próprio Édipo.

Em *Rei Édipo*, de Sófocles, é o assassino, Édipo, que se encontra **de olhos fechados**, pois não tem consciência de que o homem, com quem lutou e o qual matou na estrada, é seu pai, Laio:

Estas palavras, dirijo a todos vós, cidadãos, sem que nada saiba acerca do assassínio: sou estranho ao crime, e a tudo o que dele se conta; assim, ouvi o que tenho a vos recomendar. Pouco avançaremos em nossas pesquisas, se não fornecerdes alguns indícios (RE, p. 85).

Maria de Lourdes valoriza a mulher em sua obra. Ao fazer de Flora amante de Pedro Fogueira, ela está enfatizando o papel marcante que a mulher exerce na sociedade, seu direito de amar, de sentir desejos sexuais, a sua liberdade, o seu direito de ser feliz. A autora focaliza um problema de base no país: as mulheres, que lutam pelos seus direitos em todos os sentidos; constituem o movimento feminista que está chegando com força total ocorrendo uma constante luta contra o machismo. A mulher, nesse momento, mostra que também tem voz, deixando de ser somente um objeto perante a sociedade. Por terem se liberado, as mulheres acham-se donas de seu próprio destino e tentam impor o direito de relacionarem-se sexualmente com quem quiserem, portanto Flora não se sente culpada por sentir desejo por Pedro que é bem mais jovem do que ela.

Em *De olhos fechados*, o traço do casal Flora e Pedro Fogueira é a união, na qual perdura o amor, a paixão, acompanhada de erotismo:

...e ele se dá conta de que ela o deseja desde a tarde em que viu sua imagem esculpida na santa do barranco, e ele provou aqueles lábios doces como favos de mel, em que molhava a língua, sugando, sugando, e a boca crescendo pra engolir não só a seiva, mas a flor inteira, todo o continente, e depois ficar ruminando, e ruminando, como um animal nunca saciado (*DOF*, p. 42)

Na tragédia grega *Rei Édipo* o traço do casal Jocasta e Édipo é a desagregação, como se pode ver na fala que Jocasta dirige a seu marido: “Ai de ti, mísero infeliz! Eis o único que te posso dar; e nunca mais te tratarei de outra forma!” (*RE*, p. 125).

Há intertexto na novela *De olhos fechados* com *Rei Édipo* no que se refere às personagens, Flora e Jocasta, pelo fato de serem mulher e mãe, ao mesmo tempo. De um lado, Édipo revela ter sido filho e esposo em sua fala: “[...] por que mostraste um dia um pai irmão de seus filhos, filhos irmãos de seu pai, e uma esposa que era também mãe de seu marido?” (*RE*, p. 138). Por outro lado, na narrativa de Maria de Lourdes, a personagem Pedro Fogueira, ao projetar Flora na santa do barranco, demonstra seu amor por ela, mas há uma duplicidade nesse amor, pois ele se projeta na imagem de José, como o marido de Nossa Senhora, e ao mesmo tempo, ele se sente aquela criança do presépio, ele a vê como sua mãe. Zé Sabino informa o fato por meio das palavras: “Todo mundo sabe também que ele esculpiu a própria cara na imagem de São José” (*DOF*, p. 38).

O amor de Pedro por Flora é mostrado como segue: “...ele se entregou todo a ela, como a única mulher de sua vida, projetando-a na santa do barranco, ela vem voltando de manso e intercepta rancor na expressão dele” (*DOF*, p. 46). Também Flora, em seu inconsciente, sente por Pedro, ao mesmo tempo, amor de mulher e de mãe:

De olhos fechados, Flora pode ver o presépio, Nossa Senhora se inclina de leve para o menino, o olhar sereno e suave penetra profundamente a carne magra, pousada no berço improvisado, bebendo toda a sua tibieza, e ela pode se ver ali no espelho, ela terna, ela amorosa, ela cheia de graça, ela mãe, ela mulher, ela ciente de estar na visada de José, modesto na sua posse, mas cômico de ser homem, o dono, e segura de que se virar leve a cabeça vai interceptar a sua mirada e conhecer que ele é Pedro Fogueira homem, completo na sua virilidade, olhos extáticos envolvendo-a, e, acima de tudo, ela sabendo que não se pode voltar, para que ele não veja o leve tremor de seus lábios, para que ele não perceba o calor que lhe avermelha o rosto, ou avermelharia se a imagem não estivesse estampada no barro, definitiva na sua cor e consistência (*DOF*, p. 38).

Pedro Fogueira, por não ter conhecido a mãe, é um jovem adolescente que possui sérios problemas existenciais, pelo fato de não ter conseguido fecundar seu ego a partir do inconsciente, fracassou e não conseguiu libertar-se, para adquirir sua própria identidade e vencer, perverteu-se, então, e não se encontrou como indivíduo, sentindo-se uma sombra projetada no espelho, como podemos ver em sua revelação a Flora: “– Às vezes eu penso que sou uma fantasia, que sou sombras projetadas na parede ou imagem dentro de espelho” (DOF, p. 30). Aparentemente, Pedro é alegre, mas em seu interior, é revoltado, como mostra Neimar, um jovem adolescente também abrigado na FEBEM, numa conversa informal com Flora:

- Eu não. Gosto daqui. Dou graças a Deus de estar aqui. Não estou como muitos, rolando aí pelas ruas como um cão lepreto. Como, bebo, durmo bem. Queria que todo mundo tivesse a minha sorte. Minha mãe é o mundo. Sou como as plantas. Planta não fica chorando mãe, não. Quem não se conforma é o Pedro Fogueira.– O Pedro?! Mas ele é tão alegre...
- Alegre? Pedro é revoltado. Quem vê cara não vê coração (DOF, p. 22).

Essa passagem mostra que os seres humanos, às vezes, usam máscaras para disfarçarem seus fantasmas interiores, o sorriso que Pedro traz estampado em seu rosto não corresponde à angústia que carrega dentro de si. Pedro não é capaz de definir limites entre o bem e o mal, a vida e a morte, o ódio e o amor. A modernidade fragmenta a identidade do homem que se encontra perdido em seus questionamentos, ele busca sua imagem num espelho estilhaçado. O homem perdeu sua individualidade por se deixar impor pelo sistema de dominação. Na sociedade capitalista o ser humano não passa de um simples objeto descartável, como tudo aquilo que é produzido pelas máquinas.

Em *Rei Édipo*, há uma personagem cega, Tirésias, que é um grande conhecedor dos mistérios profundos; desvenda o mistério acusando Édipo com as seguintes palavras: “... porque o ímpio que está profanando a cidade ÉS TU!” (RE, p. 91). Ele acusa Édipo de não querer enxergar os crimes que cometeu, mostrando-lhe que ele está **de olhos fechados** diante dos fatos: “Digo-te, pois, já ofendeste minha cegueira, que tu tens os olhos abertos à luz, mas não enxergas teus males, ignorando quem és, o lugar onde estás, e quem é aquela com quem vives” (RE, p. 94).

Édipo acusa Tirésias de ser cúmplice do crime, no que se refere à morte de Laio, e ainda o rebaixa pela sua condição de cego. Vemos essa passagem nas seguintes palavras: “Sabe, pois, que, em minha opinião, tu foste cúmplice no crime, talvez tenhas sido o mandante, embora não o tendo cometido por suas mãos. Se não fosses cego, a ti, somente, eu acusaria como autor do crime (RE, p. 90).

Na novela de Maria de Lourdes, há uma personagem que remete a Tirésias, um jardineiro quase cego, Zé Sabino – homem de grande sabedoria que faz da astrologia, sua crença. Ao conhecer alguém, ele pergunta qual é o seu signo, para que possa fazer uma primeira análise desse indivíduo. Ele conhece a arte de desvendar mistérios. O velho, também como Tirésias, mostra a Flora que ela não quer enxergar os fatos que estão à sua volta, ela encontra-se **de olhos fechados**, e não decifra o enigma. Ocorre intertexto da obra analisada com a tragédia *Rei Édipo*:

Ele sabe, sabe que tem gente que não enxerga um palmo adiante do nariz, na verdade, nem todos têm habilidade pra decifrar enigmas, perdendo-se nas voltas do labirinto, enfiando os pés pelas mãos nos circunlóquios, esquecidos de penetrar no âmago, de avançar além do visto, por isso ele quer lhe pedir que fique onde está, na orla da floresta, olhando a cidade do Morro do Cristo, mas não afunde mato adentro, e nem mesmo ponha o pé na fímbria da mandala (DOF, p. 38).

Flora acusa Zé Sabino de ter matado seu filho, tocando no mesmo ponto que Édipo tocou com Tirésias – a cegueira – com as seguintes palavras: “você o matou, não é, seu bode velho?, seu cego indecente, foi pra roubar meia dúzia de quinquilharias, não é?, e por causa disso depenou-o na rua, deixou-o morto de frio na calçada, não foi, seu nojento?” (DOF, p. 62).

Ao conversar com Flora a respeito de seu romance com Pedro Fogueira, que já não é mais segredo para os rapazes do orfanato, Zé Sabino pergunta a Flora o que ela espera daquela situação, a personagem revela que quer primeiro ajustar contas com o destino para depois ser feliz. O velho jardineiro, com a intenção de não deixá-la sofrer, sugere-lhe fazer uma opção em sua vida: “acertar contas com o destino ou ser feliz” (DOF, p. 39). Sem revelar que o assassino de seu filho é Pedro Fogueira, o homem que ela está amando, Zé Sabino insiste com Flora para deixar de lado as investigações fazendo a opção de “ser feliz”, porém ela insiste em não enxergar a realidade e continuar sua procura:

- O que a senhora espera?
- Primeiro, acertar contas com o destino, depois, ser feliz.
- Larga mão de um.
- Não entendi.
- Se ajustar contas com o destino, não poderá ser feliz; pra ser feliz não pode ajustar contas com o destino.
- Não tem nada a ver, meu velho. É só uma questão de prioridades (DOF, p. 39).

Também na tragédia grega, *Rei Édipo*, Jocasta, que já havia entendido os fatos, tentou impedir o sofrimento do marido, Édipo, pedindo-lhe para abandonar aquelas preocupações que o afligiam tanto, mas ele insistiu na busca da verdade: “Pelas divindades imortais! Se tens amor a tua vida, abandona essa preocupação. (À parte) Já é bastante o que eu sei para me torturar!” (RE, p. 124)

Zé Sabino sabe quem é o assassino do filho de Flora; embora não tenha coragem de falar diretamente, deixa transparecer o fato através de provérbios:

- Quem semeia vento, colhe violência e paixão.
- Não entendo, Zé Sabino. O que você quer dizer?
- Quem meu filho mata, minha boca beija.
- Seu velho maluco! Por que não conversa direito?
- Estou conversando direito.
- Então o que você quer dizer com esses provérbios todos? (DOF, p. 34).

E, ainda: “– A senhora não consegue enxergar ou não quer enxergar?” (DOF, p. 66) – “Quem meu filho mata, minha boca beija” deixa claro que Flora está amando justamente o assassino do filho. Esse fato comprova as seguintes palavras de Maria de Lourdes “um mito de Édipo às avessas, uma mulher que sai para procurar o assassino do filho e, de repente, descobre que está amando justamente o jovem que matou seu filho.”

Num momento de grande nervosismo dos amantes, que se encontravam envolvidos por uma grande paixão, Flora descobre a verdade sobre a morte do filho e Pedro planeja matá-la, esse organiza, em sua mente confusa, várias imagens, e entre elas, a de Flora fundindo-se com a de outra mulher, a Virgem do presépio que representa a mãe que ele não conheceu:

Ela prossegue, descontrolada, numa algaravia de enfrentamentos e agressões, Pedro pára de ouvi-la, vendo apenas os movimentos do rosto, máscaras sucedendo-se, so-

brepondo-se estranhas imagens: uma cachoeira, um céu de verão com nuvens pesadas, inventando formas novas a cada nova mirada, depois o rosto de flora fundindo-se com o da virgem do presépio, novamente as nuvens brincando de metamorfoses, e, de repente, o rosto dela sobre o de outra mulher, de quem ele só vê o gesto de abandonar uma criança sobre um degrau de pedra, sabendo que é o espectador e o espetáculo da cena, e aí as palavras dela vêm chegando, aos poucos, como se ela estivesse vindo do fundo de um corredor enorme, e ele já não se sente tão seguro quanto aos planos urdidos com tanto capricho, já não se sente tão capaz de abafá-la com o travesseiro ou de enforcá-la com as mãos vazias (DOF, p. 73).

Essa passagem constitui o clímax da narrativa, o leitor, ansioso, aguarda a ocorrência de uma tragédia, porém isso não acontece porque o narrador prefere aproveitar o momento para resgatar o sentido de humanidade em seu texto. Acontece, ao mesmo tempo, o arrependimento de Pedro pelo assassinato de Nando e o perdão de Flora. Ocorre um intertexto às avessas. Em *Rei Édipo*, Jocasta, que é esposa e mãe, ao mesmo tempo, morreu de forma trágica, matando-se; também na novela *De olhos fechados* Flora deveria morrer, mas o narrador preferiu deixar que o bem se sobrepujasse ao mal, fazendo com que Pedro buscasse, dentro de si, um traço mais humanitário e se redimisse diante daquela que o amou como mãe e amante.

Vejamos a reação de Flora no momento em que se encontra com a verdade:

– Por que está me olhando assim? Por que não me mata?

Ele se encolhe como um cão batido até se sentar no chão, o queixo se encosta nos joelhos dobrados, as mãos abraçam o próprio corpo numa tentativa de proteção, um choro triste vai saindo, saindo, saindo de dentro dele, visto de longe parece um feto, e ela fica olhando pra ele apalermada, suspenso o gesto de discar o telefone, uma pena enorme daquele garoto encolhido sentindo uma vontade danada de guardá-lo inteiro dentro do útero, para protegê-lo completamente (DOF, p. 73 - 75).

Ao ver o jovem arrependido, ela demonstra grande compaixão e perdoa-o, num gesto de grande humanidade.

Conclusão

Maria de Lourdes, em sua novela *De olhos fechados* reverte o quadro da tragédia grega, *Rei Édipo*, porque a personagem Flora, ao encontrar o assassino do filho, ao invés de odiá-lo e denunciá-lo à polícia, como era de se esperar, ama-o com tanta intensidade, a ponto de sentir vontade de guardá-lo inteiro dentro do útero, para protegê-lo completamente, como a mãe faria com seu filho. O narrador resgata um momento de humanidade por meio da atitude de Flora, reconhecendo que Pedro Fogueira é um adolescente de grande sensibilidade, que se tivesse sido criado num ambiente familiar e recebido amor de mãe em sua infância, poderia ter-se auto-afirmado como pessoa e não teria se pervertido, talvez pudesse mesmo ter sido um artista, devido a seus talentos. A cena final do romance apresentada pelo narrador mostra a grandeza do coração da mulher e sua capacidade de perdoar. O resgate de um traço mais humanitário se sobrepõe ao desejo de vingança, e o perdão venceu o ódio. Essa mensagem, se absorvida pelos homens, garantiria um mundo pleno de paz e sem violência.

Referências bibliográficas

- [1] BRUNEL, Pierre. *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekind. Rio Janeiro: José Olympio, 1997.
- [2] DOMINGUES, Teresa C. A. Intertextualidade. In:____. *O discurso polifônico de Antônio Vieira*. Brasília: Thesaurus, 1995. p. 13-29.
- [3] ÉSQUILO-SÓFOCLES. *Rei Édipo; Antígone; Prometeu acorrentado*. Trad. J.B. Melo e Souza. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [s. d.].
- [4] _____. A dissolução do complexo de Édipo. In: *O ego e o id*. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 217-24.
- [5] HUTCHEON Linda. *Uma teoria da paródia*. Trad. Teresa Louro Pérez. Rio de Janeiro: Edições 70, 1985.
- [6] FREUD, Sigmund. *Um caso de histeria e três ensaios sobre sexualidade*. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- [7] JENNY, Laurent. A estratégia da forma. In:____. et al. *Intertextualidade*. Trad. Clara Crabbé Rocha. Coimbra: Almedina, 1979, p. 5-49.
- [8] JUNG, C. G. *Psicologia do inconsciente*. Trad. Maria Luíza Appy. Petrópolis: Vozes, 1978.
- [9] OLIVEIRA, Maria de Lourdes Abreu de. *De olhos fechados*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- [10] TELES, Gilberto Mendonça. O lugar da história e da crítica: os limites da intertextualidade. In:____. *A retórica do silêncio: teoria e prática do texto literário*. São Paulo: Cultrix, 1979.

¹ **Leila Rose Márie Batista da Silveira MACIEL**. Mestre em Letras – Literatura Brasileira, (Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – Ces/JF); Graduada em Língua Portuguesa e Literaturas e em Língua Francesa (Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF). Professora de Língua Portuguesa e Literaturas e Língua Francesa no Colégio Técnico Universitário (CTU – UFJF).
E-mail: leilarosemare@yahoo.com.br